

Agenciamentos do futuro: a tapeçaria “em 2085 povos originários retomam a Amazônia” de Randolpho Lamonier como contradiscurso e linha de fuga

Assemblages of the future: the tapestry “in 2085, indigenous peoples will reclaim the Amazon” by Randolpho Lamonier as a counter-discourse and line of flight

GISELLY TIAGO RIBEIRO AMADO¹

Resumo: Neste artigo, analisamos a tapeçaria “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, de Randolpho Lamonier, entendida como um contradiscurso artístico que reconfigura imaginários futuros. Com base na perspectiva discursiva de Michel Pêcheux, nos pensamentos rizomáticos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e em diálogo com as ontologias ameríndias de Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro, exploramos como esta obra mobiliza uma reconfiguração da relação humano-ambiente. Ao operar como gerador de linhas de fuga e de devires, a tapeçaria desafia a narrativa dominante do progresso tecnocapitalista, provocando uma reflexão sobre como esses encontros discursivos, artísticos e cosmológicos ampliam a potência de imaginar, reconfigurar subjetividades e propor novas formas de existir.

Palavras-chave: Subjetividades. Ontologias Ameríndias. Devires.

Abstract: In this paper, we analyze Randolpho Lamonier's tapestry “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, understood as an artistic counter-discourse that reconfigures future imaginaries. Drawing on Michel Pêcheux's discursive perspective, Gilles Deleuze and Félix Guattari's rhizomatic thought, and in dialogue with the Amerindian ontologies of Ailton Krenak and Eduardo Viveiros de Castro, we explore how this work mobilizes a reconfiguration of the human-environment relationship. By operating as a generator of lines of flight and becomings, the tapestry challenges the dominant narrative of techno-capitalist progress, prompting a reflection on how these discursive, artistic, and cosmological encounters expand the power to imagine, reconfigure subjectivities, and propose new ways of existing.

Keywords: Subjectivities. Amerindian Ontologies. Becomings.

1. Os imaginários hegemônicos do futuro: a metrópole tecnológica e a crítica aos discursos do progresso

No cenário contemporâneo, a visualização do futuro urbano é frequentemente dominada por representações de cidades hipertecnológicas, com arranha-céus reluzentes e infraestruturas avançadas, onde a natureza, quando presente, é miniaturizada ou controlada. Tais imagens, propagadas pela ficção científica e por

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: giselly@ufu.br.

discursos de desenvolvimento, solidificam uma formação discursiva que naturaliza a dissociação entre progresso e ambiente natural.

Essa visão hegemônica manifesta-se concretamente na paisagem das grandes metrópoles, como São Paulo, onde a arquitetura corporativa envidraçada e a verticalização se impõem como símbolos de uma modernidade que relegou a vida orgânica a meros elementos decorativos. Discursos de ‘cidades inteligentes’ e ‘sustentabilidade’ muitas vezes operam como maquiagem verde², promovendo soluções tecnológicas paliativas que não questionam a lógica extrativista e consumista subjacente à produção capitalista do espaço urbano (HARVEY, 2005; LEFEBVRE, 2001), um processo que a obra de Lamonier busca tensionar.

A gênese dessa narrativa remonta à urbanização moderna e aos ideais de eficiência industrial, que priorizaram a funcionalidade e o crescimento econômico em detrimento da simbiose com o ambiente e da diversidade ecológica, pavimentando o caminho para um planejamento urbano que sistematicamente desconsidera os ritmos e as necessidades dos ecossistemas. Esse arcabouço discursivo, ao se solidificar, limita a imaginação coletiva e restringe a possibilidade de conceber futuros urbanos radicalmente diferentes, que não reproduzam os impasses do presente.

Contudo, frente a essa hegemonia, emergem iniciativas artísticas que atuam como gestos de ruptura discursiva fundamental. Dentro deste contexto, uma exposição em São Paulo, visitada em maio de 2025, destacou-se por propor um desvio das visões convencionais, convidando à imaginação de futuros urbanos mais simbióticos com a natureza. Ao invés de reiterar a visão de uma metrópole futurista descolada da ecologia, a mostra ousou convidar o público a imaginar uma São Paulo verde, simbiótica com a natureza, subvertendo a lógica predatória e tecnocapitalista que permeia grande parte dos imaginários urbanos.

² O conceito de maquiagem verde (ou greenwashing) refere-se à estratégia de empresas e governos que promovem uma imagem de responsabilidade ambiental, mas sem um compromisso real com a sustentabilidade. Nesse sentido, Naomi Klein (2014), em sua obra, desvela como o sistema capitalista e as grandes corporações perpetuam a crise climática ao se apegarem a falsas soluções e resistirem a qualquer mudança sistêmica que efetivamente altere as práticas geradoras do problema. Essa abordagem superficial é, para Klein, a própria materialização do greenwashing.

Este artigo propõe investigar como esse deslocamento discursivo, materializado por obras de arte com propostas de (re)significação da relação entre o urbano e o natural, e a retomada de outras cosmologias, opera na rearticulação de sentidos e na mobilização de novos imaginários. A questão central que nos guia é: como a tapeçaria “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” de Randolpho Lamonier, por meio de seus agenciamentos e linhas de fuga, rearticula sentidos discursivos em direção a futuros possíveis menos pautados pela tecnocracia e mais pela coexistência, provocando devires e reconfigurações subjetivas?

Para desvendar essa complexa interação, embasamo-nos em um entrelaçamento teórico que combina a análise discursiva com as filosofias da potência e da diferenciação. De Michel Pêcheux, extraímos as ferramentas para compreender a resistência inerente a esse contradiscurso e as dinâmicas do interdiscurso que se estabelecem na reconfiguração do imaginário urbano. De Gilles Deleuze e Félix Guattari, incorporamos conceitos como as linhas de fuga, o agenciamento e o rizoma, que nos permitiram traçar os caminhos pelos quais a obra propõe um desvio das narrativas dominantes, abrindo espaço para a emergência de novas subjetividades e territórios de sentido. Finalmente, em diálogo com as ontologias ameríndias de Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro, exploramos como essa reconfiguração de imaginários urbanos se conecta a outras formas de existir e de pensar a relação entre humanos e não-humanos

Este trabalho, que se insere nas discussões contemporâneas sobre arte, discurso e filosofia, busca não apenas analisar as camadas de sentido que emanam da obra de Lamonier com o devido rigor acadêmico, mas também explorar suas implicações epistemológicas, compartilhando o prazer intelectual de desdobrar essas propostas teóricas em diálogo com a arte, na esperança de que ampliem a potência de pensar e de existir.

2. A obra “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”: um contradiscurso ao futuro tecnológico

Os imaginários do futuro não são meras projeções fantasiosas; são, antes, construções discursivas historicamente situadas, determinadas por formações ideológicas (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 1971) dominantes. É no interior dessas

formações ideológicas que se instituem as formações discursivas, operando como o espaço linguístico onde a ideologia se materializa. Uma formação discursiva, conforme PÊCHEUX (1997), é o que estabelece as ‘evidências’ e as ‘obviedades’, determinando o que pode e o que deve ser dito a partir de uma dada posição sujeito em uma conjuntura sociopolítica específica.

Desde a Revolução Industrial e, mais acentuadamente, com o advento da era digital, o progresso tem sido invariavelmente associado à hiperurbanização, à verticalização das cidades e à crescente tecnificação de todos os aspectos da vida. Cenários distópicos ou utópicos da ficção científica, por exemplo, frequentemente reificam essa visão, apresentando metrópoles futuristas como emaranhados de aço, vidro e silício, onde a natureza é, na melhor das hipóteses, um elemento ornamental ou, na pior, completamente erradicada. Essa hegemonia discursiva vincula o avanço civilizatório à subjugação do natural pelo artificial, consolidando a ideia de que o futuro é inerentemente tecnológico e apartado da ecologia.

Nesse contexto, a obra “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, emerge como um gesto de contradição discursiva fundamental ao apresentar uma visão de futuro em que a natureza e os saberes ancestrais são centrais e atuantes. Recorrendo à análise de Michel Pêcheux, percebemos que a tapeçaria de Lamonier não ignora os discursos estabelecidos sobre o futuro urbano, mas os interpela diretamente. A formação discursiva dominante estabelece o que pode e o que deve ser dito sobre o futuro urbano, naturalizando a supremacia tecnológica.

A obra, por sua vez, posiciona-se em uma relação de exterioridade e de interdiscurso³ com essa formação. Ao invés de um futuro pautado por uma cidade-máquina, ela apresenta uma reconfiguração onde a vegetação e os saberes ancestrais são o elemento central, subvertendo a hierarquia usual entre o construído/tecnológico e o natural. Este movimento é crucial, pois ao desviar o

³ O interdiscurso, no contexto da Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux (2011, p. 151-161), refere-se ao todo complexo e contraditório das formações discursivas, que opera como uma memória discursiva. Não se trata da soma de discursos isolados, mas sim do espaço virtual onde os discursos se cruzam, se entrelaçam e se constituem mutuamente, de forma implícita ou explícita. É o já-dito ou já-pensado que permeia a produção de sentido e que permite a emergência de novos dizeres e a rearticulação de significados. A exposição atua no interdiscurso ao mobilizar elementos de discursos sobre natureza, tecnologia e urbanidade de modos não convencionais, reconfigurando suas relações e sentidos estabelecidos.

sentido consolidado do que se entende por ‘cidade do futuro’ e ‘progresso’, a obra abre uma fenda no campo discursivo, demonstrando que o ‘dito’ (o futuro tecnológico) pode ser questionado e desnaturalizado pelo ‘não-dito’ (PÊCHEUX, 1988) ou pelo ‘dito de outro modo’ (o futuro verde com a retomada ancestral). A proposta visual de Lamonier opera, assim, uma desestabilização radical dessa formação discursiva, confrontando a ‘obviedade’ de uma metrópole de concreto e digitalizada e revelando que a nossa percepção de realidade é, em essência, uma construção ideológica historicamente determinada.

A importância de um contradiscurso como o que Lamonier propõe em sua obra para a transformação social e política consiste em sua capacidade de operar rupturas nas formações discursivas estabelecidas. Ao desestabilizar as ‘evidências’ e desnaturalizar as premissas da formação discursiva dominante, esse tipo de representação não apenas permite a emergência de novos sentidos, mas também libera o potencial de ação. Se a forma como concebemos o mundo (o discurso) estrutura a forma como agimos nele (a prática), então a rearticulação discursiva abre caminho para novas práticas e novas relações.

A visão de Lamonier em “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” não é apenas uma utopia imagética; ela é um convite à potência de uma existência que se recusa a ser limitada pelos horizontes do tecnocapitalismo. Ela atua como um catalisador para que indivíduos e coletivos possam imaginar, desejar e, por fim, construir futuros que hoje parecem impossíveis, mas que se tornam acessíveis uma vez que o cerco do ‘dito’ é rompido. É na fissura aberta por esse contradiscurso visual que se insere a possibilidade de agenciamentos coletivos e de novas subjetividades que desafiam a inércia e impulsionam a transformação.

A reconfiguração do sentido de ‘cidade do futuro’ e do próprio progresso é particularmente manifestada na forma como a obra de Lamonier promove a presença central de elementos naturais e ancestrais. O verde não é apenas um contraponto, mas a nova base sobre a qual o progresso é repensado. A tapeçaria “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, com seus ricos elementos de miçangas, cordas, costura e bordado sobre tecido, transcende a representação literal. Lamonier propõe um diálogo entre futuro e ancestralidade que rompe com o monopólio da

modernidade capitalista e sua linearidade progressista. A retomada da Amazônia pelos povos originários em um futuro não tão distante (2085) questiona a narrativa hegemônica de desenvolvimento que tem como resultado a devastação ambiental e cultural.

A obra de Lamonier, ao inserir um agenciamento⁴ (DELEUZE; GUATTARI, 2003) composto pelos saberes e práticas dos povos originários no centro de uma projeção futura, desestabiliza o discurso ocidental de progresso. Ela sugere que o futuro não pertence exclusivamente à lógica tecnológica e de consumo, mas pode e deve ser atravessado por outras temporalidades e epistemologias. É um convite à reflexão sobre como o conhecimento e as práticas desses povos, historicamente marginalizados, podem ser a chave para um futuro mais equitativo e sustentável. Dessa forma, a obra de Lamonier não apenas contrapõe sua visão de um futuro verde e ancestral à imagem de uma metrópole tecnológica, mas ativa um interdiscurso que (re)significa o próprio conceito de progresso, integrando dimensões ecológicas, culturais e políticas que foram sistematicamente apagadas pelos discursos dominantes.

480

2.1. O título como contradiscurso: uma análise linguística

Para compreender a potência subversiva da obra de Lamonier como um contradiscurso, é fundamental iniciar pela análise da materialidade linguística de seu próprio título, que já anuncia em sua construção uma reconfiguração de imaginários e tempos hegemônicos.

O título da obra, “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, é uma frase de rara densidade semântica e pragmática. Sua construção não é meramente descritiva; ela é performativa, enunciando um futuro como se já estivesse inscrito,

⁴ O conceito de agenciamento, conforme desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2003), descreve um arranjo heterogêneo e provisório de elementos diversos (materiais, sociais, simbólicos, tecnológicos, afetivos, etc.) que se conectam para produzir efeitos, territórios e linhas de fuga. Diferentemente de uma estrutura estática, um agenciamento é dinâmico, sempre em processo de formação e desintegração, e não possui um centro ou uma hierarquia predeterminada. No contexto da obra de Lamonier, o agenciamento dos saberes e práticas dos povos originários significa a ativação de uma configuração complexa que não se resume à mera agência individual ou isolada, mas sim à potência criativa e transformadora das conexões entre esses elementos.

atuando como um agenciamento discursivo que mobiliza sentidos e subjetividades. Ao analisar sua materialidade linguística, revelam-se camadas de significado que subvertem os imaginários hegemônicos, construindo uma linha de fuga textual.

A precisão temporal assinalada em “Em 2085” não se configura como uma mera previsão ou uma ficção distópica. Ao invés disso, a fixação de uma data futura e relativamente próxima - que pode ser contextualizada a cerca de 64 anos após a criação da obra em 2021 - confere ao enunciado um tom de quase-profecia, de um evento que vai acontecer, tamanha a sua inevitabilidade subjacente. É um futuro que se projeta não como possibilidade remota, mas como um destino já traçado, conferindo ao contradiscurso uma dimensão de urgência e fatalidade positiva. Não se trata de uma esperança vaga, mas de uma projeção temporal que enraíza o desejo em uma realidade futura já pressentida.

A escolha de “povos originários” como sujeito dessa oração é fundamental e altamente significativa. Ela retira esses grupos sociais, historicamente marginalizados e invisibilizados, da posição de objeto da história, de vítimas passivas ou de meros elementos folclóricos. Ao invés disso, o título os eleva à condição de agentes ativos e determinantes de um futuro. O termo “originários” ressoa com a ancestralidade, a conexão com o território e a sabedoria acumulada, contrapondo-se veementemente à visão colonizadora que os deslegitimou. É um sujeito coletivo, plural, que reforça a potência de uma ação coordenada e enraizada em cosmologias e modos de vida que a metrópole tecnocapitalista tentou insistentemente erradicar. A subjetividade que se reconfigura aqui é, portanto, coletiva e ativa em sua agência.

Talvez o elemento linguístico mais potente e desestabilizador do título seja o verbo “retomar” conjugado no presente do indicativo. Gramaticalmente, um evento futuro assinalado por “Em 2085” sugeriria um verbo no futuro (retomarão). A utilização do presente do indicativo para uma ação projetada em 2085 cria uma tensão temporal radical. Não é um futuro distante, nem uma hipótese, mas uma ação que se anuncia como já em curso, já decidida, ou mesmo já acontecendo simbolicamente no momento da enunciação. Este presente funciona como um futuro profético ou performativo, como se a própria enunciação da frase fosse um ato de “retomar”, inaugurando um devir-mundo no tempo presente. A arte, aqui, não descreve um

futuro, mas o convoca, o faz existir no aqui e agora do discurso. Esse uso do presente do indicativo infunde a frase com uma certeza e uma força de realização que transcende a mera previsão, atuando como um convite à ação e à crença na inevitabilidade dessa “retomada”.

Adicionalmente, a escolha lexical do verbo “retomar” é carregada de historicidade e significado político. Ele implica que a Amazônia já foi, em algum momento, de posse legítima dos povos originários e que essa posse foi interrompida, usurpada. A “retomada” não é uma conquista nova, mas uma reafirmação de um direito ancestral e uma reparação histórica. Sinaliza um movimento de re-apropriação, de re-enraizamento e de re-existência. É o oposto da colonização e da exploração; é a reversão de uma lógica extrativista e de subjugação. A escolha de “retomar” em vez de conquistar ou ocupar é crucial, pois legitima a ação dos povos originários como um retorno a um estado de direito e de equilíbrio.

Por fim, “a Amazônia” como objeto direto da oração não é apenas um espaço geográfico ou um recurso natural a ser explorado. No contexto dos povos originários e das ontologias ameríndias, ela é um território vivo, um sujeito de agência, um corpo cósmico. Ao ser o objeto da “retomada”, “a Amazônia” é elevada à sua dimensão ontológica, não apenas como um lar, mas como um sistema de relações complexas e uma fonte de sabedoria. A frase não fala apenas de terra, mas de uma relação vital, de um pacto entre humanos e não-humanos que será restabelecido.

482

3. A reconfiguração do futuro em imagem: agenciamentos e afetos na obra de Randolpho Lamonier

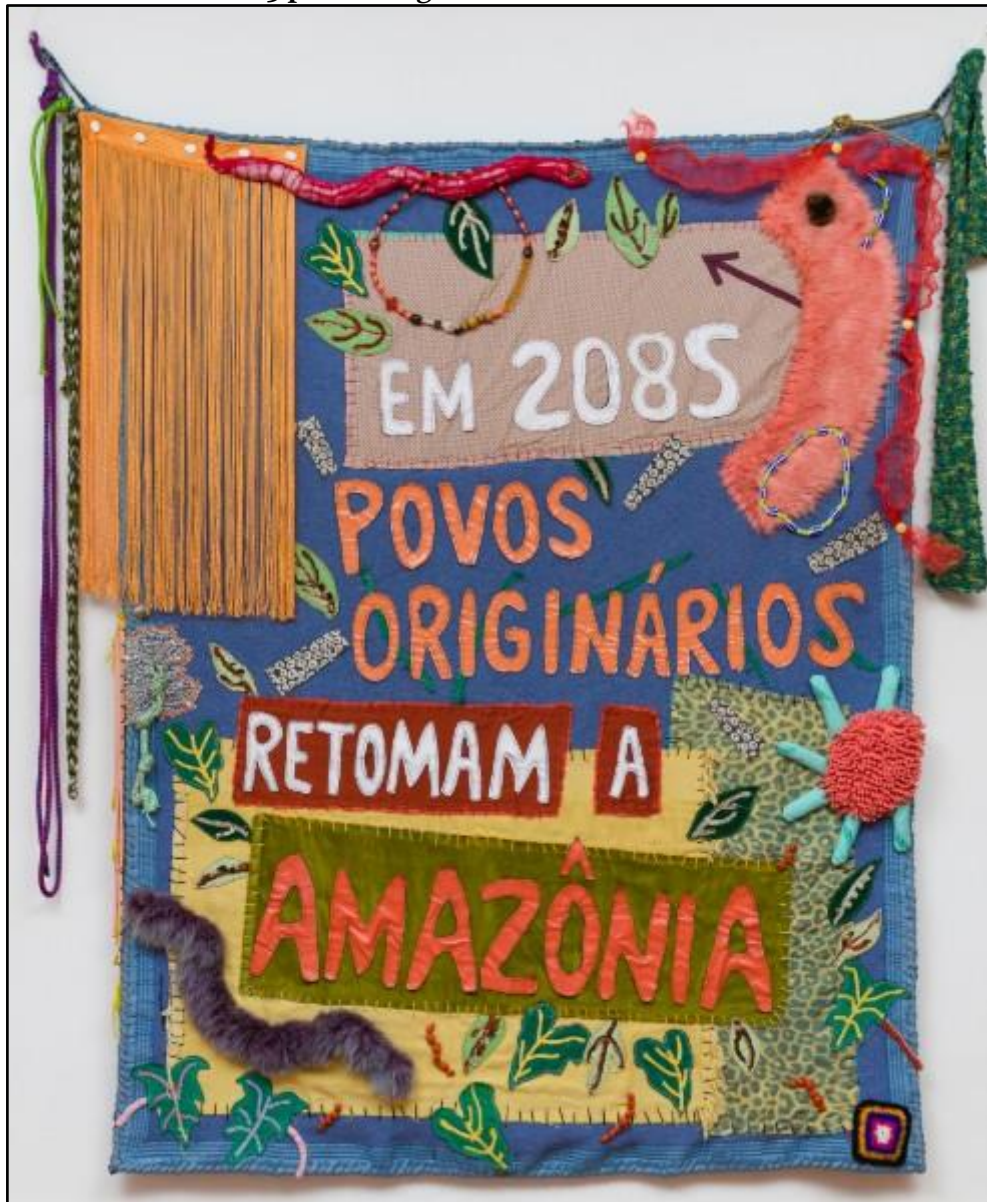
No coração da discussão sobre os imaginários urbanos do futuro, destaca-se a obra “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” (2021), do artista mineiro Randolpho Lamonier. Criada como parte da série Profecias e adquirida pela coleção MASP no contexto da exposição Histórias brasileiras em 2022, esta peça materializa-se como uma tapeçaria de 207 x 176,5 cm. A riqueza visual da obra reside em sua composição complexa e tátil, onde se entrelaçam miçangas, cordas, costura e bordado sobre tecido.

A tapeçaria, imagem abaixo, se apresenta com uma profusão de detalhes em tons terrosos, verdes e azuis que evocam a exuberância amazônica, contrastados por

Agenciamentos do futuro: a tapeçaria “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” de Randolpho Lamonier como contradiscurso e linha de fuga

elementos que sugerem a presença humana e espiritual. Detalhes minuciosos de folhagens, corpos e grafismos ancestrais emergem do tecido, convidando o olhar e o toque. A escolha do suporte da tapeçaria é, em si, um gesto significativo, pois a tecelagem e o bordado são práticas milenares, carregadas de saberes transmitidos geracionalmente, que remetem a culturas manuais e orgânicas, contrapondo-se à produção industrial e massificada.

Em 2085 povos originários retomam a Amazônia



483

Fonte: Coleção MASP

Os materiais escolhidos por Lamonier não são meramente estéticos; eles carregam um profundo simbolismo. As miçangas e as técnicas de costura e bordado

remetem diretamente a práticas artesanais e saberes ancestrais, muitas vezes associados à cultura dos povos originários e a uma relação mais orgânica com o fazer manual e com a natureza. Em contraste com a frieza do concreto e do digital que permeia as visões hegemônicas de futuro, a tapeçaria de Lamonier oferece uma materialidade quente, orgânica e humanizada. Esta escolha formal já indica um primeiro gesto de contradição discursiva, pois o suporte e os meios utilizados são, em si, um contraponto à aceleração e à desmaterialização frequentemente associadas ao progresso tecnológico.

Em um gesto de contradição discursiva, a obra de Lamonier confronta o discurso hegemônico de progresso e urbanização desenfreada discutido anteriormente, utilizando o próprio campo da arte para propor uma reescrita do futuro. Percebemos que o título e a temática - “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” - não se limitam a representar uma alternativa, mas atuam no interdiscurso, desestabilizando o sentido consolidado do futuro como um vetor de desenvolvimento exclusivamente tecnológico e antropocêntrico. Ao introduzir a ancestralidade e a natureza como elementos centrais e ativos nessa projeção temporal, a obra reconfigura o próprio conceito de progresso e civilização.

Ao articular diferentes elementos, a obra produz um efeito que rompe com as materialidades da modernidade, resgatando técnicas e texturas orgânicas. Semioticamente, o título, a figura dos povos originários, a ideia de retomada - que implica não apenas um ato político, mas uma reconexão ontológica e epistêmica - e a Amazônia como território vivo e sujeito de agência, se agenciam para gerar uma narrativa outra que destoa daquelas histórias hegemônicas e teleológicas, forjadas pelo discurso da modernidade capitalista. Temporalmente, a data “2085” (um futuro próximo) é agenciada com a ancestralidade e os saberes milenares, criando uma temporalidade não linear, em que o futuro se alimenta do passado para redefinir o presente. Esse agenciamento específico, ao conectar esses elementos aparentemente díspares, gera uma potência de significado e de ação, um novo devir (DELEUZE; GUATTARI, 1995) para o futuro.

A obra de Lamonier, em sua totalidade, opera como um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Diferentemente de uma estrutura hierárquica e linear, a tapeçaria estabelece conexões múltiplas e não sequenciais entre seus elementos – materialidade

artesanal, temporalidade futura-ancestral, cosmovisões indígenas, territórios geográficos e políticos. Cada ponto, cada fio, cada miçanga se conecta a outros de forma imprevisível, construindo um mapa dinâmico de sentidos. A Amazônia, no centro da narrativa, não é um cenário estático, mas um território agenciado por e com os povos originários, tornando-se um fluxo de vida e de sabedoria. Essa natureza rizomática da obra permite que o espectador trace suas próprias linhas de compreensão e afeição, desfazendo as amarras de uma interpretação única e abrindo-se para a multiplicidade.

Essa reconfiguração proposta pela obra de Lamonier manifesta-se, em última instância, como uma linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A ideia de “povos originários retomando a Amazônia” não é uma mera ilustração de um possível cenário; é um movimento ativo de desterritorialização do imaginário dominante. Ela foge das narrativas capitalistas de exploração e degradação ambiental, do modelo de humano descolado da Terra, bem como do universalismo naturalista ocidental. A obra, em sua materialidade e semiótica, traça um caminho alternativo para o futuro, onde a ancestralidade e a simbiose com a natureza se tornam os vetores de uma nova existência. Essa fuga não é um retorno a um passado idealizado, mas um devir-Amazônia, um devir-ancestral, um devir-floresta, que reconfigura o presente e projeta um futuro rizomático.

O devir, na filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), não se refere a uma mera transformação de um estado para outro (um vir a ser ou uma evolução), mas sim a um processo de diferenciação e desterritorialização contínua. É um movimento de fuga das identidades fixas e das classificações estabelecidas, uma mutação que se opera por contágio e proximidade, e não por imitação. Esse devir-outro (por exemplo, devir-mulher, devir-animal, devir-criança) desestabiliza as noções fixas de sujeito e objeto, abrindo novas possibilidades de existência e de pensamento.

3.1. A obra de Lamonier em diálogo com as ontologias ameríndias

A proposta da obra de Lamonier ressoa profundamente com reflexões contemporâneas que têm desafiado as premissas universalistas da modernidade ocidental, especialmente aquelas oriundas do pensamento ameríndio. A retomada da

Amazônia não questiona apenas uma disputa territorial, mas uma separação ontológica.

Essa separação é central na crítica de Ailton Krenak (2019). Segundo Krenak, a crise ecológica que vivenciamos não é a crise do planeta, mas sim a crise de um modelo específico de humanidade – aquele que se descolou do restante da vida na Terra, arrogando-se o direito de explorar e dominar. A retomada imaginada por Lamonier dialoga com a proposição de Krenak sobre a necessidade de “adiar o fim do mundo” para o modo de vida que nos trouxe até aqui, e de reconectar a humanidade ao organismo Terra, reconhecendo-a não como proprietária, mas como parte integrante. A obra de Lamonier, ao trazer os povos originários para o centro de um futuro regenerado, sugere a possibilidade de um futuro que não é o fim, mas a redefinição de nosso mundo - o mundo do homem capitalista e extrativista - por meio da reativação de uma cosmologia em que a terra não é recurso, mas parte intrínseca do ser e da identidade.

Adicionalmente, a retomada da Amazônia por povos originários implica uma mudança de perspectiva sobre a própria Amazônia e sobre o futuro, alinhando-se com o perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro (2015). O que para a modernidade ocidental é uma vasta coleção de recursos a serem explorados (uma natureza universal e objetiva), para os povos originários é um corpo vivo, um universo de relações e uma multiplicidade de seres (humanos e não-humanos) que coexistem e se interpenetram.

Assim, o que muda não é o mundo em si (uma única natureza universal), mas a perspectiva dos sujeitos sobre ele. A obra de Lamonier, portanto, visualiza um futuro em que a multinaturalidade – a existência de múltiplas naturezas, percebidas e vividas de diferentes modos por diferentes seres – substitui o universalismo naturalista ocidental. Ao fazer isso, ela convida a uma cosmopolítica diferente, que não busca a hegemonia de uma única verdade ou de uma única relação com o mundo, mas abre caminho para uma pluralidade de existências, saberes e futuros, em que a natureza e a cultura não são dicotomias, mas imbricações contínuas.

4. Considerações Finais: narrativas de resistência, reconfigurações subjetivas e o potencial transformador da obra de Randolpho Lamonier

A obra “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, de Randolpho Lamonier, transcende a mera representação visual, afirmando-se, desde seu título, como um potente agenciamento discursivo. A escolha de um futuro ancorado no presente, a elevação dos povos originários a sujeitos ativos e ancestrais, e a enunciação da retomada de um território vivo confere-lhe um posicionamento de resistência simbólica à lógica tecnocapitalista dominante.

A visão de um futuro regenerado, assim articulada pelos saberes ancestrais e pela vitalidade da Amazônia, transcende a simples projeção utópica. Ela se manifesta como uma materialização discursiva e afetiva que, em seu encontro com o público, fomenta a reconfiguração de subjetividades. É nesse engajamento com a tapeçaria que a visão de um futuro alternativo deixa de ser apenas uma imagem e passa a ser uma possibilidade vivida, um devir que se inicia na própria experiência do sujeito com a arte.

A tapeçaria de Lamonier, ao vincular de forma tão contundente o passado ancestral e os saberes originários a uma projeção futurista de retomada da Amazônia, não só desafia as narrativas hegemônicas sobre progresso e civilização, mas também atua como uma ponte conceitual. Essa ponte permite ao público estabelecer conexões intrínsecas entre as questões ecológicas mais amplas - relativas à sobrevivência planetária e à interdependência de todas as formas de vida - e as lutas políticas e ontológicas de dimensão global que os povos originários travam pela manutenção de seus modos de vida e de seus territórios. A obra de Lamonier, com seus devires e linhas de fuga, encapsula a potência da arte em reconfigurar não apenas as narrativas sobre o futuro, mas a própria relação do sujeito com o tempo, o espaço e a alteridade.

A reconfiguração de subjetividades, catalisada pela obra, opera em múltiplos níveis. Ao experienciar “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia”, o espectador é convidado a uma nova forma de estar no mundo. Essa experiência não se restringe à contemplação estética; ela incita a um repensar radical da própria posição do humano no cosmos. Por exemplo, pode-se desenvolver um novo olhar sobre a urbanidade, compreendendo as cidades não como entidades isoladas de concreto e tecnologia, mas como parte de um ecossistema global complexo, indissociável da saúde dos biomas como a Amazônia.

A obra inspira uma nova postura ética e política, ao revelar a urgência de uma responsabilidade ecológica que transcende o consumo individual e se alinha a uma defesa coletiva dos territórios e dos saberes ancestrais. O senso de pertencimento se expande: não apenas a uma comunidade humana, mas a um ‘planeta vivo’, a uma teia de relações mais amplas que a mera sociedade de consumo e suas imposições. Assim, a obra de arte atua como uma ferramenta para o pensamento, para a imaginação do impossível, para a abertura de um campo de possibilidades que os discursos dominantes tentam fechar.

O potencial de resistência simbólica da obra é, portanto, vasto e multifacetado. Embora não seja uma ação direta no plano material, a desestabilização das ‘evidências’ promovida pela arte de Lamonier no campo do imaginário é um passo crucial. Ao abrir fendas nas narrativas hegemônicas, ela prepara o terreno para que novas ideias e subjetividades germinem, podendo preceder ou inspirar ações concretas de transformação social e política.

A arte, nesse sentido, não é apenas representação da realidade; ela é uma força que atua na produção de novas realidades e na invenção de possibilidades. Ela fabrica futuros, não no sentido de prever, mas de tornar concebível o que antes parecia inconcebível. Ao evocar a retomada da Amazônia pelos povos originários, a tapeçaria de Lamonier, com seu rizoma de conexões e devires, tece um convite a um devirmundo mais plural, equitativo e resistente, em que as vozes e cosmologias historicamente marginalizadas emergem como bússolas para um porvir mais habitável.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Claudia Toledo. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, dez. 1971.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Mattos. São Paulo: Annablume, 2005.

Agenciamentos do futuro: a tapeçaria “Em 2085 povos originários retomam a Amazônia” de Randolpho Lamonier como contradiscurso e linha de fuga

KLEIN, N. *This changes everything: capitalism vs. the climate*. New York: Simon & Schuster, 2014.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Todavia, 2019.

LAMONIER, R. *Em 2085 povos originários retomam a Amazônia*, da série Profecias. 2021. Tapeçaria, miçangas, cordas, costura e bordado sobre tecido, 207 x 176,5 cm. Coleção MASP, São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/em-2085-povos-originarios-retomam-a-amazonia-da-serie-profecias>. Acesso em: 27 mai. 2025.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Centauro, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-319.

PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 151-161.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

489

Submissão: 29. 06. 2025

/

Aceite: 10. 07. 2025